

# **Panorama, Concepções e Questionamentos sobre a Alfabetização no Brasil**

Natália Kneipp Ribeiro Gonçalves  
Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo

## **Resumo**

*O presente artigo trata das concepções que regem e fundamentam as pesquisas que vêm sendo realizadas acerca do tema alfabetização no Brasil. Essas concepções são analisadas por meio de algumas produções acadêmicas, estudos publicados e documentos que mapeiam dados estatísticos (IBGE) referentes ao tema, abrangendo, sobretudo, as décadas de 80 e 90. O artigo demonstra que analisando as concepções que regem e fundamentam as pesquisas educacionais e as práticas pedagógicas pode-se compreender e explicitar, em última análise, o próprio significado de alfabetização, o qual encontra-se vinculado ao contexto histórico, social, econômico e político.*

**Palavras chave:** concepção de alfabetização; alfabetização no Brasil.

## **Abstract**

*The present article tells about conceptions that rules and settles researches that being realized concerning the subject alphabetization in Brazil. These conceptions are analysed through some academic productions, studies published and documents that maps out statistic elements (IBGE), referring the subject, covering above all the 80 and 90 decades. The article demonstrates that analysing the conceptions who rules and settles the educational researches and the pedagogic practices can comprehends and clears, at last analisation, the characteristic signification of alphabetization, which meets linked to the social, economic and politic historic structure.*

**Key words:** conception of alphabetization, alphabetization in Brazil.

A discussão acerca do tema alfabetização, nos últimos anos, vem crescendo de maneira significativa. Muitas são as produções sobre a problemática da alfabetização no Brasil, o fracasso escolar e as propostas de novos caminhos que direcionem e superem a não alfabetização dos indivíduos.

Nesta perspectiva, cabe um questionamento sobre quais concepções regem e fundamentam essas pesquisas que vêm sendo realizadas. Refletir sobre esta fundamentação pressupõe refletir, principalmente, sobre o significado da alfabetização.

Assim, o objetivo deste estudo visa à composição de um panorama referente a essas concepções. Foram buscados indícios e definições em algumas produções acadêmicas, como em *Alfabetização* (SOARES; MACIEL, 2000) e *Os sentidos da alfabetização* (MORTATTI, 2000); em estudos publicados que vêm contribuindo direta ou indiretamente para a discussão (FERREIRO 1993 e 2001; VYGOTSKY, 1998;

---

palavras corretamente, identificar suas letras, sílabas e sons, ainda que a escrita não possua significado, intencionalidade ou função social.

Outra visão, descrita por Aguena et al. (1990), considera que a incorporação dos indivíduos à cultura letrada necessita de um plano de abrangência nacional bem estruturado, pois isso possibilitaria a geração de fatores propícios à erradicação do analfabetismo, o qual encontrar-se-ia relacionado ao modelo existente de acumulação do capital, de suas necessidades de reprodução da forma de trabalho e de legitimação da ordem social. Assim, quanto maior o número de indivíduos alfabetizados maior a capacidade de se pressionar socialmente, desencadeando-se situações de crise social, cujos resultados propiciariam mudanças na estrutura de emprego, renda e seqüente superação da pobreza.

Sob essa ótica fica evidente a forma de se compreender a situação da educação brasileira, e mais especificamente a alfabetização, como dependente e, ao mesmo tempo, propulsora de mudanças em relação ao contexto social, econômico e político. Nessa concepção, os fatores quantitativos e qualitativos dos sistemas de ensino constituem-se em aspectos relevantes para a compreensão da forma de se conceber o campo educacional, sobretudo no que se refere ao processo de alfabetização. Em relação aos aspectos quantitativos encontram-se as tentativas de ampliação e universalização da alfabetização, tanto para crianças como para adultos; quanto aos aspectos qualitativos, a preocupação com o próprio fazer pedagógico, por meio do qual a relação teoria - prática e a busca de comprometimento político-pedagógico às camadas populares são enfatizadas.

Essa preocupação com o fazer pedagógico e com o desenvolvimento da linguagem oral e escrita na criança reflete-se nas produções acadêmicas, as quais crescem significativamente, segundo Soares e Maciel (2000) a partir dos anos 80, justamente quando se acentuavam os estudos sobre novas perspectivas que se contrapusessem à concepção tradicional da natureza e do significado da aprendizagem da língua escrita. No Brasil essas contribuições tiveram suas bases no desenvolvimento da Psicolinguística e da Psicologia Genética. Com isso, surge um novo paradigma da alfabetização, já que as

contribuições das pesquisas da psicogênese, da sociolinguística e da linguística propriamente dita provocaram mudanças substanciais na concepção da aprendizagem da leitura e da escrita (SOARES; MACIEL, 2000, p. 17),

alterando assim o conceito de língua oral e escrita. No entanto, de acordo com Barbosa (1990), as mudanças apontadas pela Psicogênese, no que se refere às propostas de noções e hipóteses evolutivas da escrita pela criança, apesar de representarem um avanço significativo, mantinham a concepção de alfabetização vinculada à aprendizagem da língua escrita. Para esse autor, a grande diferença entre essas propostas e as propostas da concepção clássica situava-se na forma como o objeto (língua escrita) era apreendido e concebido.

A concepção da alfabetização, ao longo do tempo, volta-se cada vez mais para

possuísse uma verdade absoluta. Esse imobilismo acaba contrastando com a efervescência das vivências e pesquisas desenvolvidas acerca do tema alfabetização.

Essas pesquisas tiveram sua efervescência a partir dos anos 80 e abrangeram fundamentalmente, na classificação de Soares e Maciel (2000), os seguintes temas: investigação dos determinantes de sucesso ou fracasso na aprendizagem da lectoescrita; propostas didáticas; caracterização do alfabetizador; concepção de alfabetização; prontidão; formação do alfabetizador; dificuldades de aprendizagem; análise das cartilhas; conceituação de língua escrita; estudo da língua oral e escrita; método; sistema fonológico e ortográfico; avaliação; produção de texto e leitura. Quanto às pesquisas sobre o tema concepção de alfabetização, as autoras destacam quinze trabalhos na década de 80, já nos anos 60 e 70 esse tema não se caracterizou como foco de pesquisa.

Ao apontar que o tema concepção de alfabetização seja considerado como mais uma categoria no estudo de Soares e Maciel (2000), merecendo um tratamento específico, é importante ressaltar que as concepções subjacentes aos demais temas pesquisados também revelam, em última análise, posturas e referenciais assumidos, expressando igualmente, as concepções sobre o significado de alfabetização.

Outro fator a ser considerado na compreensão das concepções acerca do processo de alfabetização encontra-se nas mudanças ocorridas no próprio panorama sócio-político e econômico brasileiro, pois este contribuiu para que a alfabetização, gradualmente, passasse a ser compreendida como uma possibilidade de acesso à língua escrita significativa e consciente para o indivíduo, levando-o à autonomia e à ação social efetiva. Essa idéia encontra fundamentação em vários estudos, como nos trabalhos de Gonçalves (1978) e Biscolla (1989), por exemplo. Além disso, a análise do fracasso escolar e da marginalização cultural vinculada ao uso de cartilhas ganha espaço em diversas pesquisas, como as de Freitas (1979) e Barbosa (1990).

No estudo de Mortatti (2000) também são analisadas as cartilhas e suas metodologias, entretanto isso ocorre por meio de uma abordagem histórica do problema da alfabetização. São estudadas fontes documentais (impressas e manuscritas) que tratam da questão dos métodos para o ensino da língua escrita na fase inicial da escolarização, ocorridas no Estado de São Paulo, entre os anos de 1876 e 1994. A autora aborda os sentidos atribuídos à alfabetização devido às tematizações, normatizações e concretizações produzidas nesse determinado tempo e espaço do cenário brasileiro, problematizando as tensões e contradições existentes nos sentidos dos seguintes pares de termos: moderno/novo e antigo/tradicional, na intenção de explicar o movimento histórico ao redor da questão dos métodos de alfabetização como

indicador, no caso brasileiro, de um duplo movimento: de constituição de um modelo específico de escolarização das práticas culturais de leitura e escrita; e de constituição da alfabetização como objeto de estudo e investigação (MORTATTI, 2000, p. 24).

biente social e baseados em uma noção de comunicação, é o que torna possível a aprendizagem da leitura e da escrita. Nestes intercâmbios interacionais aquilo que deve ser aprendido é, até certo ponto, uma construção conjunta de professores e alunos. Caberia, portanto, à escola proporcionar esta construção mútua e às pesquisas a função de investigar criticamente o desenvolvimento dessas práticas escolares. A autora afirma também que a alfabetização constitui-se em um processo amplo, pois ocorre sem que a escolarização seja necessária, entretanto o inverso não é verdadeiro. A alfabetização encontra-se, assim, pautada na idéia de comunicação do conhecimento e nos usos e valores desse saber; não como um processo individual, mas como um processo de aquisição social. Existe, portanto, a alfabetização compreendida em caráter amplo e a alfabetização escolar, compreendida em caráter específico.

Todo esse levantamento torna possível a percepção de que veio ocorrendo uma mudança e também uma ampliação do conceito de alfabetização. Quanto a esse aspecto, Pieve (2000) destaca que o indivíduo a ser alfabetizado começa a se apropriar na escola das mais diversas linguagens existentes nos espaços formais e informais da sociedade (que antes lhe era negado pelas práticas mais tradicionais de ensino), fazendo com que a alfabetização possua características imprescindíveis para que o indivíduo leia, interaja e se comunique no mundo.

Por outro lado, Gumperz (1991) acredita que a transmissão social da alfabetização pelos sistemas educacionais em seu processo de escolarização tem ainda revelado o fracasso dessa alfabetização escolarizada, a qual diferenciou-se dos usos diários da leitura e escrita, pois aquilo que era

ensinado através da alfabetização escolarizada não mais era parte de uma cultura comum local, de modo que as pessoas comuns tinham menos controle sobre os produtos de sua própria cultura (p. 43).

Como a estrutura da sociedade e a interação social exercem papel fundamental nessa escolarização, o desejo de uma alfabetização com força popular e igualitária necessitariam, segundo a autora, de uma investigação profunda acerca do processo social por meio do qual a escolarização é adquirida e construída.

Paralelamente ao desenvolvimento das pesquisas no campo educacional, ocorre um mapeamento da alfabetização pelos órgãos estatísticos. Este mapeamento acaba exercendo uma função dupla: a de fomentar as discussões das pesquisas educacionais, propagando as condições da alfabetização; e a de auxiliar, por meio das informações contidas em seus dados, o planejamento e desenvolvimento das políticas públicas em caráter nacional.

No Brasil, os dados sobre as condições de alfabetização são levantados pelo Censo Demográfico do IBGE. De acordo com Soares (2004), até o Censo de 1940 o alfabetizado era aquele indivíduo que afirmava saber ler e escrever (o próprio nome), já a partir do Censo de 1950 o indivíduo alfabetizado é aquele que lê e escreve um bilhete simples, ou seja, que é capaz de exercer uma prática social de leitura e escrita.

como um processo de aquisição do sistema da escrita, que é alfabético e ortográfico, devendo, entretanto, ser desenvolvida em um contexto de letramento, o qual pressupõe a participação em situações de leitura e escrita, bem como o desenvolvimento das habilidades de seu uso nas práticas sociais que envolvem a língua escrita. Dessa forma, quando esses conceitos são analisados torna-se possível a reflexão e o debate sobre as práticas sociais de leitura e escrita, assim como a busca pela garantia do “domínio de níveis de alfabetização e letramento que permitam o pleno exercício da cidadania” (SOARES, 2002, p. 19).

Tendo essas idéias em vista, é possível perceber que os indicadores educacionais elaborados pelo Censo e, mais especificamente, pelo PNAD revelam concepções acerca do processo de alfabetização e merecem uma reflexão mais aprofundada sobre os pressupostos que os fundamentam. Da mesma forma, diferentes concepções de alfabetização revelam posturas pedagógicas também adversas. Coelho (1989), em sua pesquisa, ilustra essa idéia ao comparar a alfabetização por cartilhas e a alfabetização pelo método Paulo Freire, para adultos. Enquanto o primeiro encaminhava os sujeitos a um estado de alienação, o segundo superava essas condições, resgatando a historicidade dos mesmos por meio de uma conceituação de alfabetização crítica e conscientizadora.

Há, portanto, uma intrínseca relação entre concepção de alfabetização e concepção de sociedade, educação, conhecimento e homem. Assim, a alfabetização entendida apenas como aprendizagem de um código, sem relação com as práticas de leitura-escrita reais e desprovidas de função social, sustenta práticas baseadas em memorização, repetição e em situações descontextualizadas de aprendizagem. Essas situações enfatizam a leitura como decodificação e a escrita como codificação. Entretanto, a alfabetização vista como uma construção e elaboração de conhecimentos, sustenta práticas baseadas em ações políticas e sociais explícitas, contextualizadas, levando em conta a singularidade, pluralidade e a construção de sentidos pela interação do sujeito com a escrita no meio social.

Há ainda a idéia, sustentada por Soares (2004) de que mesmo mantendo o avanço na forma de se conceber a alfabetização, não mais como um simples código, seja considerado também que a alfabetização (desenvolvida em um contexto de letramento) caracteriza-se, fundamentalmente, pelo ensino direto e sistemático da língua escrita; isso porque a criança não é capaz de descobrir espontaneamente as relações fonema-grafema. Assim, a autora propõe que seja feita uma reinvenção da alfabetização, integrando-se as várias facetas da alfabetização com as do letramento, sem que se perca a especificidade de cada um.

Em meio a estas considerações é possível perceber a existência da concepção de alfabetização como construção histórico-social do conhecimento. Sob esse aspecto, são pertinentes as reflexões que os estudos de Vygotsky (1998) apresentam e que apontam para a necessidade de se compreender o domínio da escrita por meio da história de desenvolvimento dos signos na criança. O ensino, para esse autor, ainda encontra-se preso à mecânica da escrita, enquanto deveria voltar-se à

---

AGUENA, C. A. et al. **Alfabetização**: catálogo de base de dados. São Paulo: FDE, v.2, 1990.

BARBOSA, J. J. **Alfabetização e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1990.

BISCOLLA, V. M. **Construindo a alfabetização**: um estudo de caso. 151p. Tese (Mestrado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da USP. São Paulo, 1989.

COELHO, M. H. M. **Menor marginalizado**: tentativas de alfabetização. 89p. Tese (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 1989.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1993.

FERREIRO, E. **Cultura escrita e educação**: conversas de Emília Ferreiro com José Antônio Castorina, Daniel Goldin e Rosa Maria Torres. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FIORAVANTE, M. L. **Um trabalho coletivo em educação-alfabetização**: carência ou possibilidade? 452p. Tese (Mestrado) - Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro, 1983.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados, Cortez, 1984.

FREITAS, H.C.L. **Alfabetização e universo cultural**: análise de cartilhas utilizadas nas escolas de Campinas. 157p. Tese (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de Campinas. Campinas, 1979.

GONÇALVES, J. E. **A significação do processo de alfabetização na criança**. 92p. Tese (Mestrado) - Universidade Federal Fluminense. Niterói, 1978.

GUMPERZ, J. C. **A construção social da alfabetização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

IBGE. <http://www.ibge.gov.br>

MORTATTI, M.R.L. **Os sentidos da alfabetização**. São Paulo, Ed. UNESP: CONPED, 2000.

PIEVE, M.G. **Por uma alfabetização pluriforme nos ciclos de idade**. 157p. Tese (Mestrado) - Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, 2000.

SALIM, T. M. **Alfabetização**: ponto de partida ou ponto final? 111 p. Tese (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica (PUC). Rio de Janeiro, 1984.